

DOSSIÊ TEMÁTICO

Educação de pessoas jovens, adultas e idosas

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DO ADULTO: REFLEXÕES EM TORNO DA GENERATIVIDADE¹

Piedade Vaz Rebelo²
Graciete Franco Borges³

Resumo: A adultez constitui uma etapa do desenvolvimento humano que tem vindo a ser objeto de interesse e de pesquisa. Neste estudo, procedemos a uma análise do conceito de generatividade, proposto por Erikson (1963) para a caracterização da idade adulta. São também apresentados os resultados obtidos com a aplicação da *Loyola Generativity Scale* (LGS) desenvolvida por McAdams e de St. Aubin (1992) a um conjunto de jovens universitários portugueses. Os resultados preliminares obtidos em torno das características psicométricas da escala evidenciam a sua qualidade, a qual pode assim ser considerada um instrumento de pesquisa em torno da generatividade, cujo valor heurístico ficou também evidenciado nos estudos referidos.

Palavras-chave: Desenvolvimento do adulto. Generatividade. Erikson.

¹ Trabalho realizado no âmbito do IPCDVS-FEDER/POCTI-SFA-160-192.

² Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Centro de Física Computacional, Grupo de História e Ensino das Ciências. E-mail: pvaz@mat.uc.pt

³ Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social. E-mail: francoborges@fpce.uc.pt

1 Introdução

Se, durante décadas, a psicologia do desenvolvimento centrou o seu interesse em torno das etapas iniciais do mesmo, nomeadamente na infância e na adolescência, a idade adulta tem vindo a impor-se como uma fase de grande interesse e relevância. As evidências sobre o contínuo do desenvolvimento humano, que se prolonga muito para além da adolescência, as mudanças aceleradas que caracterizam os nossos dias ou os desafios inerentes ao *Life Long Learning* têm também chamado a atenção para a necessidade de se compreender de forma profunda a idade adulta.

O modelo do desenvolvimento humano proposto por Erikson (1963) e, em particular, o conceito de *generatividade*, tem implicações para a compreensão do desenvolvimento proativo da idade adulta. Remetendo para o interesse e envolvimento no cuidado e na orientação das gerações mais novas, para o papel de cuidado do outro como tarefa de desenvolvimento, a *generatividade* tem sido objeto de diversas pesquisas, no âmbito das quais se tem procurado identificar as suas principais características e manifestações e compreender a sua evolução ao longo do ciclo vital.

Neste trabalho são apresentados, por um lado, um quadro conceptual sobre a generatividade e os estudos que o fundamentam e, por outro lado, os estudos psicométricos desenvolvidos pelas autoras em torno da versão portuguesa da *Loyola Generativity Scale* (LGS) de McAdams e de St. Aubin (1992).

2 A generatividade no ciclo vital

O conceito de *generatividade* foi proposto por Erikson (1963) para definir o sétimo estágio de desenvolvimento pessoal. Situando-se na sequência das tarefas de desenvolvimento anteriores, nomeadamente das de construção da *identidade* e da *intimidade*, a *generatividade* constitui uma tarefa da idade adulta e expressa-se por “um interesse em educar e guiar as gerações mais novas” (ERIKSON, 1963, p. 267), uma intenção/ação

de “tomar conta” ou de “cuidar de outros”. Trata-se de um conceito lato, de que a parentalidade pode ser uma expressão privilegiada, mas que engloba também uma preocupação com a sociedade em sentido amplo, fazendo com que possa ser expressa através de atividades de participação política e cívica, trabalho de voluntariado, envolvimento em instituições religiosas ou atividades espirituais, entre outras.

A *generatividade* tem-se revelado um constructo complexo e multifacetado, podendo relacionar-se com imperativos biológicos associados à sobrevivência da espécie, não deixando, porém, de envolver processos psicossociais que resultam na motivação para transmitir conhecimentos ou experiências, deixar descendência, contribuir e ser responsável pelo desenvolvimento da sociedade e das gerações mais novas e na motivação para a criatividade (McADAMS; St. AUBIN, 1992). Envolve, assim, as expectativas sociais de cuidado dos outros, o que Erikson (1963) designou de “necessidade de ser necessário” e Krote (1984) de “imortalidade simbólica”, podendo remeter para duas dimensões contrastantes: uma dimensão *pró social*, de prestação de cuidados, e uma dimensão *agêntica*, ligada ao desenvolvimento de ações que sobrevivam à própria morte.

O carácter multifacetado e dinâmico da *generatividade* tem sido enfatizado no contexto dos estudos de McAdams (1992; 1993; 1998), que consideram que o constructo envolve sempre uma relação particular entre um sujeito e o contexto. Os autores propõem um modelo constituído por sete dimensões psicossociais, no âmbito do qual a origem da *generatividade* residiria numa pressão/exigência social de compromisso e investimento nas gerações vindouras (1) e numa motivação ou necessidade intrínseca de ser necessário e um desejo de imortalidade simbólica (2). As fontes originárias da *generatividade* seriam, deste modo, a pressão cultural e a motivação individual, expressando-se através de uma preocupação consciente em relação às gerações futuras (3), cujas implicações vão depender das interações que se estabelecerem entre as crenças sobre o valor do ser humano (4), os compromissos e investimentos (5), as ações concretas (6) e a narrativa

generativa pessoal (7) que se elabora e que simultaneamente elabora o percurso de desenvolvimento pessoal. A *generatividade* comporta, então, estas sete dimensões psicossociais, as quais se aglutinam em torno de objetivos pessoais e sociais que remetem para o cuidado das gerações mais novas. Note-se que, segundo os autores deste modelo teórico, estas dimensões se organizam sempre de forma única ou singular para cada sujeito, sendo a sua dinâmica complexa expressa sob a forma de narrativa pessoal, geradora do significado da *generatividade*. Este advém da criação de algo, mas também da sua doação como uma dádiva pessoal para a posteridade. Quando um destes elementos não está presente, isto é, quando não há criação pessoal e/ou identificação ao que se lega aos outros, a *generatividade* perde o sentido.

A complexidade de manifestações associadas à *generatividade* justifica o recurso a metodologias diversificadas para o seu estudo. Estas têm sido desenvolvidas e implementadas em especial por McAdams e colaboradores, que têm privilegiado sobretudo as narrativas e as histórias de vida, além da utilização simultânea de questionários e entrevistas. O interesse em considerar a generatividade através de uma abordagem multiconceptual e metodológica é enfatizado pelos referidos autores que constataram que as diferentes medidas da *generatividade* estão positivamente relacionadas entre si, mas não em níveis tão elevados que signifiquem estar a medir a mesma coisa. Há diferenças, conforme McAdams (1993), conceptuais e empíricas entre a “preocupação”, o “compromisso”, a “ação” e as “narrativas” generativas.

A operacionalização do conceito de *generatividade* tem também sido desenvolvida no âmbito dos estudos de Bradley e Marcia (1998), os quais se têm baseado no modelo dos estatutos da identidade desenvolvido por Marcia (1980)⁴. Os estatutos de *generatividade* (*Generative Status Measure, GSM*) foram estabelecidos com base numa dialética entre o “cuidado” *versus* “rejeição”, que por sua vez são considerados tendo em conta os critérios relativos ao “envolvimento” e à “inclusividade”.

⁴ O modelo de Erikson foi operacionalizado por Marcia (1980) a partir da conceptualização dos processos de *exploração* e de *compromisso*, que constituiriam a expressão comportamental do *self* para a formação da identidade.

O “envolvimento” incide na capacidade do sujeito para desenvolver projetos de desenvolvimento pessoal e/ou comunitário, enquanto a “inclusividade” remete para o âmbito ou alvo da *generatividade*, isto é, para quem é incluído/excluído das preocupações e ações generativas. Com base nestes elementos, foram estabelecidos cinco estatutos de *generatividade*: “generativo”, “agêntico”, “pró social”, “convencional” e “estagnado”. O estatuto “generativo” caracteriza-se por níveis elevados de envolvimento e inclusividade, enquanto o estatuto “convencional” se caracteriza por níveis elevados de envolvimento, mas níveis baixos de inclusividade, tanto para si como para os outros, sendo o envolvimento relativo a exigências ou pressões sociais específicas. Os estatutos “agêntico” e “pró social” caracterizam-se por níveis elevados de envolvimento, sendo a inclusividade relativa a interesses pessoais, no primeiro caso, e a interesses de outros/da comunidade, no segundo. O estatuto “estagnado” caracteriza-se por níveis baixos tanto de envolvimento como de inclusividade.

O estudo da *generatividade* no ciclo vital tem sido objeto de várias investigações cujos resultados nem sempre são conclusivos. No âmbito do modelo de desenvolvimento proposto por Erikson (1963), a *generatividade* constitui a tarefa principal, crise/desafio que se coloca à idade adulta, perspectiva que é contestada por McAdams e de St. Aubin (1992), que consideram não existir nenhuma etapa do ciclo vital que se dedique exclusivamente à *generatividade*. Com efeito, num estudo envolvendo sujeitos com idades entre os 19 e os 68 anos, não foram encontradas diferenças significativas nos índices de *generatividade* em função da idade (McADAMS; St. AUBIN, 1992). Num estudo posterior, McAdams, St. Aubin e Logan (1993) constaram que, dos três grupos analisados (jovens adultos com idades entre os 22 e os 27 anos, adultos entre os 37 e os 42 anos e adultos com idades entre os 67 e os 72 anos), apenas no primeiro grupo referido os valores de *generatividade* eram inferiores aos obtidos nos restantes grupos.

No entanto, embora Erikson (1963) tenha conceptualizado a *generatividade* como uma tarefa predominante da idade adulta, importa

referir que, de acordo com a perspectiva epigenética adotada por aquele autor, cada estágio do ciclo vital se caracteriza por um conflito/opção entre dois percursos opostos, cuja resolução é interdependente de resoluções prévias e influencia a resolução das etapas seguintes. A forma como a crise da *generatividade* é vivida e resolvida depende então, também, da forma como as crises anteriores do desenvolvimento foram resolvidas e as dimensões inerentes à *generatividade* podem aparecer, embora não em primeiro plano, nas crises ou tarefas de desenvolvimento anteriores. Uma análise do modelo de desenvolvimento proposto por Erikson (1963), e ilustrado no quadro 1, mostra que, para além da linha diagonal onde são representadas as crises/tarefas específicas de cada etapa do desenvolvimento, as linhas horizontais indicam as facetas/dimensões de cada crise/etapa e as colunas procuram indicar os precursores e derivativos das mesmas. Ou seja,

Erikson descreveu os espaços anteriores da coluna relativa a determinado estágio como os precursores desse estágio e os espaços posteriores como os seus derivados [...] os espaços correspondentes às linhas horizontais ocorrem ao mesmo tempo que o estágio principal, os espaços das colunas verticais, anteriores e posteriores, ocorrem antes ou depois daquele. (SLATER, 2003, p. 56-57).

Dado que Erikson (1963) não especificou as dimensões e respectivos precursores e derivativos relativamente à *generatividade*⁵, um dos desafios que se coloca aos investigadores é o de tentar especificá-los, contribuindo assim para uma caracterização mais precisa desta etapa do desenvolvimento e da sua evolução. Com este propósito, Slater (2003) retomou o modelo de desenvolvimento de Erikson (1963) e procurou analisar a relação entre a *generatividade* e as outras etapas do ciclo vital, no sentido de identificar, quer os precursores daquela, quer as suas manifestações. Neste âmbito, propõe um conjunto de dimensões ou facetas que considera caracterizarem a idade adulta, a saber, a *inclusividade*, o *orgulho*, a *responsabilidade*, a *produtividade profissional*, a *parentalidade*, o *sentimento de ser necessário* e a *honestidade*. Para além de poderem ser consideradas como vertentes/manifestações da *generatividade*, estes aspectos decorrem simultaneamente das crises ou tarefas anteriores à emergência da idade adulta, nomeadamente as de *confiança*, *autonomia*, *iniciativa*, *realização*, *identidade* e *intimidade*.

Esta proposta permite uma abordagem desenvolvimentista e ecológica da *generatividade*, sendo, no entanto, necessários estudos empíricos que validem algumas das ideias avançadas. Slater (2003) refere igualmente a necessidade de se realizarem estudos longitudinais, atendendo à evolução da *generatividade* ao longo dos anos e à relação entre as experiências passadas e os conflitos psicossociais posteriores⁶ e transculturais, que esclareçam a eventual universalidade destes conceitos e/ou a existência de diferenças críticas.

Há igualmente evidências da importância da *generatividade* em diferentes aspectos do desenvolvimento, nomeadamente ao nível do bem-estar, da satisfação pessoal (McADAMS; St. AUBIN, 1992; 1993)

⁵ Sendo possível perceber o seu funcionamento a partir da análise feita em relação à questão da identidade e às propostas de Erikson a este propósito. Este desafio coloca-se também às outras etapas do modelo, o qual nos “convida” ao preenchimento das células da tabela deixadas vazias por Erikson (SLATER, 2003).

⁶ O estudo longitudinal desenvolvido por Wertemeyer (2004) ao longo de 32 anos é ainda uma exceção. Foram estudados sujeitos do sexo masculino, analisados aos 21, 32 e 53 anos. Os resultados evidenciaram uma relação estatisticamente significativa entre a generatividade e o bem-estar conjugal, a realização profissional, a existência de uma rede de amigos e os comportamentos altruístas. Os preditores da generatividade foram o ambiente familiar afetivo e disciplinado, revelando-se particularmente importantes as relações com o grupo de pares. Os aspectos relacionais mostraram-se preditores mais significativos do que os fatores físicos e sociológicos.

ou das características pró sociais (McADAMS, 1997). Estes dados são particularmente importantes para uma reflexão em torno da relação entre a *generatividade* e outras variáveis pessoais, nomeadamente as relacionadas com projectos tanto a nível pessoal, de que a parentalidade pode ser exemplo, como a nível profissional.

3 Loyola Generativity Scale (LGS): estudos psicométricos na população portuguesa

3.1 Estudos preliminares

A *Loyola Generativity Scale* (LGS) desenvolvida por McAdams e de St. Aubin (1992) é, na sua versão original, constituída por 20 itens com 4 níveis de respostas. Os itens que compõem esta escala incidem em aspectos que caracterizam o conceito de “preocupação de generatividade” (*generativity concern*), que remete para a extensão em que um adulto expressa uma preocupação consciente em ter um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes. São então considerados alguns aspectos da *generatividade* como a preocupação de dar um contributo significativo à comunidade, a responsabilização pelos outros, o legado de conhecimentos e experiências, o desenvolvimento de atividades que possam ser lembradas e sejam criativas. Os itens da escala não analisam explicitamente questões relacionadas com a educação das crianças e dos jovens. A escala incide em intenções/crenças sobre a *generatividade* e não em ações concretas relacionadas com a mesma, podendo ser usada em diferentes etapas do ciclo vital.

Nos estudos psicométricos feitos no âmbito da construção da escala foram obtidos valores elevados de consistência interna, sendo o valor de alfa de Cronbach de 0.83 (McADAMS; St. AUBIN, 1992). Os valores de correlação entre o índice de *generatividade* e a deseabilidade social foram baixos, tendo-se verificado efeitos de interação entre a *generatividade*, a idade, o sexo e o fato de se ter ou não filhos. A relação entre o sexo e a *generatividade* foi significativa apenas na amostra de estudantes universitários, sendo os valores mais elevados obtidos pelas

mulheres; na amostra de adultos verificou-se um efeito de interação entre o sexo e o estatuto parental, constatando-se que esta última variável influenciava os níveis de *generatividade* nos homens, mas não nas mulheres.

A escala de generatividade proposta por McAdams e St. Aubin (1992) tem sido objeto de estudos com o objetivo de desenvolver uma adaptação da mesma para a população portuguesa, os quais têm sido realizados, quer pelas autoras do presente trabalho (FRANCO BORGES; VAZ REBELO, 2006), quer por Ferreira Alves e colaboradores (2006). O primeiro estudo referido foi desenvolvido a partir de uma amostra de 191 estudantes da licenciatura em Psicologia da Universidade de Coimbra, com idades compreendidas entre os 17 e os 41 anos de idade, com a idade média de 20.65 e desvio padrão de 2.90, sendo a maioria dos sujeitos do sexo feminino (91%), solteira (95%) e sem filhos (97%). Neste âmbito, foi feita a tradução e retroversão da escala que é apresentada a seguir, e desenvolvidos estudos psicométricos no sentido de analisar a sua validade e consistência interna.

Escala de Generatividade

Adaptação de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2005; 2006) da LGS
(McAdams & de St. Aubin, 1992)

Instruções

Indique, por favor, o seu grau de concordância com cada uma das seguintes afirmações assinalando “0”, “1”, “2,” ou “3, no espaço que as antecedem. A escala de resposta é a seguinte:

Assinale “0” se a afirmação nunca se lhe aplicar	0= Nunca
Assinale “1” se a afirmação se aplicar a si ocasionalmente	1= Raramente
Assinale “2” se a afirmação se aplicar a si frequentemente	2 = Geralmente
Assinale “3” se a afirmação se aplicar a si sempre ou quase sempre	3= Sempre ou quase sempre

- ____ 1. Tento transmitir aos outros os conhecimentos que as minhas experiências me proporcionaram.
- ____ 2. Não sinto que os outros precisem de mim.
- ____ 3. *Penso que gostaria do trabalho de professor. (versão I, 2005)*

(Continua)

- Penso que gostaria do trabalho de ensinar. (versão II, 2006)
- ___ 4. Sinto que fiz a diferença para muitas pessoas.
- ___ 5. *Não tenho o hábito de fazer voluntariado.* (versão I, 2005)
Não me ofereço para trabalhar em actividades de voluntariado (versão II, 2006)
- ___ 6. Tenho desenvolvido acções que têm tido impacto noutras pessoas.
- ___ 7. Procuro ser criativo na maior parte das coisas que faço.
- ___ 8. Penso que serei recordado durante bastante tempo depois de morrer.
- ___ 9. *Considero que a sociedade não pode ser responsável pela alimentação e vestuário de todos os “sem abrigo”.* (versão I, 2005)
Creio que a sociedade não pode ser responsável pela assistência a todos os “sem abrigo”. (versão II, 2006)
- ___ 10. Penso que os outros são de opinião de que tenho dado um contributo único para a sociedade.
- ___ 11. *Se não pudesse ter filhos biológicos, adoptaria uma criança.* (versão I, 2005)
Se não pudesse ter filhos meus, gostaria de adoptar. (versão II, 2006)
- ___ 12. Procuro partilhar (ensinar) com os outros aquilo que sei fazer.
- ___ 13. Sinto que não tenho feito nada que vá sobreviver à minha morte.
- ___ 14. Em geral, as minhas acções não têm um impacto positivo nos outros.
- ___ 15. Sinto como se nada de significativo tivesse feito aos outros.
- ___ 16. Ao longo da minha vida, tenho assumido muitos compromissos com pessoas, grupos e actividades.
- ___ 17. Os outros dizem que sou muito prestável.
- ___ 18. Sinto a responsabilidade de participar activamente na vida da minha comunidade (condomínio, vizinhança, bairro, etc.)
- ___ 19. As pessoas vêm ter comigo para se aconselhar.
- ___ 20. Sinto como se os meus contributos fossem permanecer depois da minha morte.

Tendo em conta que a partir dos estudos realizados com esta escala McAdams e de St. Aubin (1992) coloca a questão da sua eventual bidimensionalidade, procedemos a uma análise fatorial em componentes principais (adequação da amostra de 0.80). Esta análise permitiu identificar os dois fatores referidos pelos autores e designados de “Generatividade Positiva” e “Dúvidas de Generatividade”. No entanto, dados os valores relativamente baixos do coeficiente alfa de Cronbach dos referidos fatores (0.77 e 0.72 respectivamente) e à semelhança do procedimento dos autores da escala, optou-se por trabalhar com um *score* total.

Procedeu-se ainda a uma análise dos itens com base no estudo da correlação entre cada item e o resultado total, sendo os resultados apresentados no quadro 2. Verificou-se que alguns dos referidos itens da escala, principalmente os itens 3, 5, 9 e 11, obtiveram valores de correlação item-teste baixos. Estes itens foram sujeitos a uma reformulação, referida como versão II, na escala apresentada no quadro 2.

A escala de *generatividade* proposta por McAdams e St. Aubin (1992) foi também usada num estudo realizado no nosso país por Ferreira Alves (2006), que referem um valor médio para o índice de *generatividade* de 34.98 e um valor de alfa de Cronbach de 0.79. O índice de *generatividade* revelou variações significativas com a idade, tendo os sujeitos mais novos (19 a 29 anos) obtido valores mais elevados no referido índice. Não foram encontradas diferenças em função do sexo e a relação entre *generatividade* e a parentalidade foi inversa à esperada, ou seja, os sujeitos sem filhos apresentaram níveis mais elevados de *generatividade*.

3.2 Aplicação da *Loyola Generativity Scale (LGS)* a uma amostra da população portuguesa

3.2.1 Sujeitos

O estudo foi desenvolvido a partir de uma amostra de 391 estudantes da Universidade de Coimbra: 77 sujeitos (19.7%) são alunos da licenciatura em Psicologia, 88 (22.5%) da licenciatura em Engenharia, 27 (6.9%) do Ramo Educacional da FCTUC, 190 (48.6%) do curso de Enfermagem e 9 (2.3%) do curso de Profissionalização em Serviço da FCTUC. Os sujeitos têm idades compreendidas entre os 17 e os 37 anos, sendo a média de 21.48 e o desvio padrão de 2.36. Nenhum dos sujeitos tem filhos e a maioria é do sexo feminino (74%) e é solteira (98%).

3.2.2 Procedimentos

Os instrumentos utilizados neste estudo foram administrados de forma coletiva, em contexto escolar, durante o horário de uma das aulas das respectivas licenciaturas (Psicologia, Engenharia, Enfermagem e Ramo Educacional da FCTUC), durante os anos lectivos de 2005/06 e 2006/07. Os dados recolhidos são anónimos.

Juntamente com a escala de generatividade, foi também introduzida uma ficha, onde se solicitavam dados pessoais referentes à idade, estado civil, género e projeto de parentalidade.

3.2.3 Resultados

Os resultados obtidos com a “escala de generatividade” foram sujeitos a uma análise fatorial em componentes principais (adequação da amostra de 0.80). Embora também neste caso tenha sido possível identificar os dois fatores referidos por McAdams e St. Aubin (1992), e apesar da percentagem da variância explicada por ambos (31.89%) ser superior à que é explicada quando se considera apenas um fator (22.86%), optou-se por considerar um único índice de *generatividade*. Esta opção deveu-se ao fato de este ser o procedimento adotado pelos autores da escala e, também, porque se verificou uma grande inconsistência na caracterização dos dois fatores em função da inclusão/exclusão dos itens 5 e 9.

A análise dos itens feita através do cálculo da correlação item-teste é apresentada no quadro 2. Os itens 3, 5, 9 e 11, agora reformulados e assinalados no quadro 2 como “versão 2”, têm valores de correlação item-teste mais elevados relativamente à versão inicial, embora continuem com valores inferiores aos restantes itens. Sobretudo no caso do item 9, o valor da correlação é ainda muito baixo, pelo que se pode levantar a hipótese de ser um item que remete para uma questão em que a diferença cultural se faz notar de forma mais acentuada.

Item 1	0.369
Item 2	0.317
Item 3	0.199
Item 4	0.516
Item 5	0.190
Item 6	0.497
Item 7	0.265
Item 8	0.410
item 9	0.054
item 10	0.426
item 11	0.187
item 12	0.441
item 13	0.400
item 14	0.270
item 15	0.484
item 16	0.475
item 17	0.445
item 18	0.480
item 19	0.434
item 20	0.579

Quadro 2 – Correlações item-teste para a adaptação portuguesa da LGS

No quadro 3 apresentam-se dados descritivos do *score* resultante do somatório dos itens da “escala de generatividade”. A média é de 36.5, um valor inferior ao obtido por McAdams e St. Aubin (1992), mas superior ao obtido por Ferreira Alves (2006) no estudo desenvolvido na população portuguesa. A média e a mediana têm valores próximos e os coeficientes de assimetria e curtose são inferiores a 1.

O valor de alfa de Cronbach obtido foi de 0.79.

Média	36.5
Mediana	37.0
Desvio-Padrão	6.67
Assimetria	-0.27
Curtose	0.26

Quadro 3 – Caracterização estatística do índice de generatividade

Na figura 1 apresenta-se a distribuição do índice de *generatividade*, podendo constatar-se que é próxima da distribuição normal.

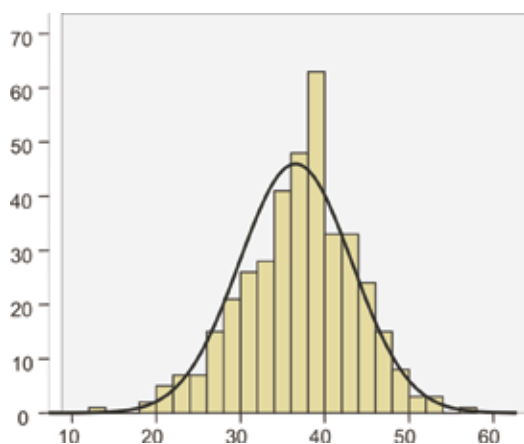


Figura 1 – Histograma do índice de generatividade

Foi também analisada a relação entre a generatividade e sexo e entre a generatividade e projetos de vida dos sujeitos, nomeadamente o projeto de parentalidade e os projetos profissionais.

Relativamente ao primeiro aspecto referido, verificou-se que a média do índice de *generatividade* varia de forma estatisticamente significativa em função do sexo ($t=-2.53$, $gl=157$, $p=0.013$), tendo os sujeitos do sexo feminino obtido um valor mais elevado (Quadro 4).

	Sexo	N	M	DP	Erro Padrão médio
Generatividade	Masculino	100	35,01	7,21	0,721
	Feminino	284	37,07	6,39	0,379

Quadro 4 – Distribuição do índice médio de generatividade em função do sexo

Verificou-se também que a média do índice de *generatividade* varia de forma estatisticamente significativa em função do projeto de parentalidade ($F = 13.08$, $p<0.000$), tendo sido os sujeitos que expressam a intenção de vir a ter filhos os que obtiveram um índice médio de generatividade mais elevado (Quadro 5).

	N	M	DP
Sim	320	37.16	6.35
Não	18	35.78	5.95
Não sei/Talvez	36	31.33	7.17
Total	374	36.53	6.63

Quadro 5 – Distribuição do índice médio de generatividade em função do projeto de parentalidade

No estudo da relação entre os projetos profissionais, considerados através das áreas de formação que os sujeitos frequentam e o índice de generatividade, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. No entanto, uma análise das médias do referido índice em cada uma das áreas consideradas, a saber, Psicologia, Enfermagem, Engenharia e Formação de Professores, mostra que as médias mais elevadas se encontram nos cursos de Formação de Professores e de Psicologia, enquanto as menos elevadas se situam nos cursos de Enfermagem e Engenharia.

4 Discussão e Conclusões

Os dados teóricos e empíricos apresentados no trabalho chamam a atenção para o interesse e pertinência do conceito de generatividade, que constitui uma dimensão importante do desenvolvimento adulto.

Com base nos estudos referidos, é possível constatar o carácter multifacetado e epigenético da generatividade e o seu valor heurístico relativamente a diferentes aspectos do desenvolvimento pessoal e social.

Tendo em conta os resultados obtidos no estudo empírico, verificou-se que, na amostra estudada, a escala de generatividade proposta por McAdams e St. Aubin (1992) constitui um instrumento com características psicométricas adequadas à população portuguesa. No entanto, apesar de, na escala original, estar prevista a existência de dois fatores, o que está também de acordo com o carácter multifacetado do conceito evidenciado do ponto de vista teórico, optou-se por considerar

apenas um fator geral. Esta opção seguiu a dos autores da escala e deveu-se, também, ao fato de, dessa forma, se reforçarem os índices psicométricos da mesma.

No presente estudo, constatou-se também que a *generatividade* se relaciona de forma estatisticamente significativa com o desejo de vir a ter filhos e varia em função do sexo, confirmando os resultados obtidos por McAdams e St. Aubin (1992) numa investigação realizada com estudantes universitários. No entanto, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o índice de generatividade e as opções vocacionais dos sujeitos, evidenciando a necessidade de estudos adicionais em torno desta questão.

CONTRIBUTIONS FOR ADULT DEVELOPMENT STUDY: REFLECTIONS ABOUT GENERATIVITY

Abstract: Adulthood is a stage of human development that has recently become a promising research area. In this study, the analysis of the concept of generativity, proposed by Erikson for the characterization of adulthood, is presented. The Loyola Generativity Scale (LGS, McAdams & de St. Aubin, 1992) applied to a sample of Portuguese university students and psychometric results are presented and discussed. They evidenced that LGS can be considered a research tool concerning generativity, confirming the interest and heuristic value evidenced in theoretical studies.

Keywords: Adult development. Erikson. Generativity.

Referências

BRADLEY C.L.; MARCIA J.E. Generativity-Stagnation: A Five-Category Model. *Journal of Personality*, vol.66, n.1, p. 39-64. 1998.

ERIKSON, E. H. **Childhood and society**. New York: Norton. 1963.

FERREIRA ALVES, J.; SANTOS, P.; FERREIRA ALVES, C.; ALVES, A. BRITO, L. e CUNHA, F. Generatividade em estudantes e profissionais de educação. **Psychologica**, 43, 143-156. 2006.

FRANCO BORGES, G. e VAZ REBELO, P. (2005). La motivation pour la parentalité. In: **CONGRES INTERNATIONAL EN EDUCATION FAMILIALE**, Xe, **Actes....** Presses de l'Université de Las Palmas de Gran Canarias.

FRANCO BORGES, G. e VAZ REBELO, P. Générativité et parentalité: quelles implications dans l'éducation pour la parentalité? In : **BIENNALE DE L'EDUCATION ET DE LA FORMATION**, 8^e, Lyon. **Résumés des contributions....** Lyon: Service des Publications de l'INRP, p. 132-133. 2006.

KROTE, J. **Outliving the self**: Generativity and the interpretation of lives. Baltimore: John Hopkins University Press. 1984.

MARCIA, J. E. Identity in adolescence. In: ADELSON, J. (Ed.). **Handbook of adolescent psychology**. New York: John Wiley. 1980.

McADAMS, D. P.; St AUBIN, E. A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioural acts and narrative themes in autobiography. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 62, p.1003-1015. 1992.

McADAMS, D. P.; St AUBIN, E. (Eds.). **Generativity and adult development**: how and why we care for the next generation. Washington, D.C.: American Psychological Association Press. 1998.

McADAMS, D. P.; de St AUBIN, E.; LOGAN, R. L. Generativity among young, midlife, and older adults. **Psychology and Aging**, vol. 8, n. 2, p. 221-230. 1993.

McADAMS, D.; DIAMOND, A.; St. AUBIN, E.; MANSFIELD, E. Stories of commitment: the psychosocial construction of generative lives. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 72, n. 3, p. 678-694. 1997.

SLATER, C.L. Generativity versus stagnation: An elaboration of Erikson's adult stage of human development. **Journal of Adult Development**, vol. 10, n. 1, p. 53-65. 2003.

WESTERMEYER, J. Predictors and characteristics of Erikson's life cycle model among men: a 32-year longitudinal study. **The International Journal of Aging and Human Development**. vol. 58, n° 1, p. 29 – 48. 1994.

Artigo recebido em: 05/08/09

Aprovado para publicação em: 20/08/09